Revista Latino-Americana de
RELAÇÕES INTERNACIONAIS
Campos Neutrais
FURG

Entrevista com Letícia Frazão Leme

Vivian Rocha
Guilherme Breyer
Mayara Dias
Natalia Blaia

1 NOTA INTRODUTÓRIA DOS ENTREVISTADORES

A presente entrevista tem como objetivo compreender a evolução das relações econômicas entre Brasil e China e dos investimentos chineses no Brasil entre os períodos de 2012-2015 e 2024-2026, buscando analisar as transformações ocorridas na relação econômica entre os dois países ao longo desse intervalo. Considerando a atuação e a experiência da entrevistada nesses dois momentos, sua trajetória profissional a torna uma fonte qualificada para compreender o avanço dessa relação e os principais fatores que impulsionaram o comércio internacional com a China e a presença de empresas chinesas no Brasil. Além disso, a entrevista procura identificar as condições políticas, institucionais, regulatórias e de mercado que favoreceram essa expansão, bem como compreender o papel desempenhado pela cooperação bilateral entre Brasil e China nesse processo. A entrevista foi realizada no dia 08 de junho de 2026, por meio da plataforma Microsoft Teams, com duração aproximada de uma hora.

2 BIOGRAFIA DA ENTREVISTADA

Letícia Frazão Leme é graduada em direito pela Universidade de São Paulo (USP)e possui mestrados em diplomacia pelo Instituto Rio Branco, em direito internacional pela Universidade de Cambridge (*Christ's College*) e em estudos chineses pelo *King's College London*. Diplomata de carreira do Ministério das Relações Exteriores (Itamaraty), com ampla experiência em áreas como Organização Mundial do Comércio (OMC), solução de controvérsias, propriedade intelectual, política agrícola internacional, relações financeiras internacionais, cooperação no âmbito dos BRICS, relações Brasil–China e negociações multilaterais.. Ao longo de sua trajetória, chefiou a Divisão de BRICS do Itamaraty, foi subchefe da Divisão de Contenciosos na OMC. No exterior, serviu na Missão do Brasil junto à

GABRIEL, V.D.R.; DIAS, G. B. R.; DIAS, M. A. P.; BLAIA, N. M Entrevista com Letícia Frazão Leme. **Campos Neutrais**. Rio Grande. V. 8, N. 2. P. 770 - 783 | maio/agosto. 2026. | (ISSN 2596-1314).

OMC, em Genebra, na Embaixada em Londres e por duas vezes na Embaixada em Pequim. Desde 2024, exerce o cargo de Ministra-Conselheira na Embaixada do Brasil em Pequim, na China, segunda posição mais alta da representação diplomática brasileira no país. Nessa função, desempenha papel central na coordenação da agenda econômica e política entre Brasil e China.

3 ENTREVISTA

Pergunta

Como é atuar como diplomata na construção das relações Brasil-China em diferentes períodos históricos e, em particular, como foi retornar à Embaixada do Brasil na China, em 2024, após quase uma década, e voltar a trabalhar com as relações econômicas entre os dois países? Quando você chefiou o setor de investimentos da Embaixada, entre 2012 e 2015, quais eram as principais características da agenda econômica bilateral? Ao comparar aquele período com o cenário atual, quais são as principais continuidades e mudanças? Quais temas permaneceram centrais e quais ganharam maior relevância na agenda econômica e nas relações entre Brasil e China?

Resposta

Essa é a segunda vez que estou servindo na embaixada em Pequim e são momentos muito diferentes da relação Brasil-China. Foi comentado pelo grupo se havia uma retomada da relação, mas eu acredito que a relação nunca foi interrompida. O que aconteceu foi um adensamento da relação, sobretudo, nos últimos anos. A China é o maior parceiro comercial do Brasil, porém, desde 2003, sobretudo por algo que aconteceu no campo da soja, o Brasil passou a exportar mais e mais soja para a China, especialmente pelo "boom" das commodities que houve naquela época de "boom" do agronegócio. Então a China se tornou ainda mais importante para o Brasil como destino exportador.

A nossa pauta desde a década de 1990 é concentrada em três produtos: a gente exporta soja, minério de ferro e petróleo. E esses três produtos conformam 75% da pauta exportadora. E o vimos em anos mais recentes é que outros produtos, sobretudo agrícolas e alguns produtos primários entraram para compor essa pauta de exportação. Isso aumentou ainda mais a importância da China para o Brasil como um mercado exportador. Hoje, por causa dos preços, o petróleo passou a ser o principal produto da pauta, mas por uma questão conjuntural das

confusões do Estreito de Hormuz. Mas, tradicionalmente, a soja tem sido o principal produto exportado, com 35% de participação nas exportações; o petróleo com 20% e o minério de ferro com 20%. Assim tem sido há muitas décadas do nosso relacionamento. A respeito dos carros elétricos, isso é uma coisa nova, é uma coisa que não existia antes. O que a gente tem visto é que a China tem, agregado cada vez mais valor aos produtos que ela exporta para o Brasil.

Um colega fez um levantamento dos últimos 5 anos e comparou os dados de exportação dos produtos da China em 2019 com os dados de 2024 e viu que nesse curto espaço de 5 anos, a China renovou todos os 10 principais produtos que ela exporta para o Brasil. Então, em 2024, se você olhar a pauta, nenhum dos 10 principais produtos eram os mesmos. Já do nosso lado, exportamos os mesmos produtos há 3 ou 4 décadas. E, além de não serem os mesmos produtos que a China exporta para o Brasil, percebemos que nos produtos que a China passou a exportar houve um salto de agregação de valores, por exemplo, se antes ela exportava células para fazer painel solar, hoje, ela exporta o painel solar inteiro. Então, isso é uma coisa que mudou em relação à minha primeira passagem por aqui. A relação é mais aprofundada, é mais densa e a gente depende mais da China como mercado exportador do que no passado.

No setor agrícola, por exemplo, a guerra comercial que o primeiro governo Trump iniciou com a China custou aos EUA o lugar de principal exportador agrícola para a China, já que antes os EUA exportavam cerca de 22% dos produtos agrícolas que a China importa e o Brasil exportava em torno de 15%. A partir de 2018 isso se inverte. Hoje, o Brasil exporta 24% dos produtos agrícolas que a China importa. Nós vimos que ano passado as nossas exportações de soja chegaram a representar quase 80% do que a China importou do mundo. As importações de soja da China são muito significativas, pois são mais de 100 milhões de toneladas, e grande parte está sendo usada para ração animal (muita gente não sabe, mas a China é o principal produtor mundial de produtos agrícolas). Contudo, é por causa do tamanho de seu mercado, que ela acaba sendo uma grande importadora também. Por exemplo, para carne suína e de frango, o que a China mais importa corresponde a 5% do consumo. Às vezes, o que para eles é pouco, para nós é muito: os 5% da China podem representar 50% do que a gente exporta.. Então, um pouquinho da China acaba sendo muito para o Brasil. Acredito que isso é um pouco da mudança que houve em relação ao aprofundamento da relação da minha primeira passagem na China para a segunda passagem.

Quando eu estava aqui pela última vez, a China estava experimentando o auge da política de Going out Going global, ao investir no exterior. Eles acabaram tendo muitas muitas dificuldades, como investimentos infrutíferos, perdas na Venezuela, na África e, inclusive, no Brasil. A partir daí, voltaram pra casa, refizeram o plano, aprenderam com esses erros e hoje são investidores muito mais maduros.

Temos visto também que nos países desenvolvidos muitas portas têm se fechado para os investimentos chineses. Vários países têm adotado screening de investimentos. Nos EUA, por exemplo, o último grande investimento chinês foi em 2014 ou 2016, eu acho, que foi a compra da Singenta, em uma operação de 34 bilhões de dólares, vocês podem conferir naquele China Global Investment Tracker (da Heritage Foundation) O Brasil é um mercado que recebe bem investimentos estrangeiros, inclusive o chinês; temos interesse em atrair mais capital, mais investimentos, mais agregação de valor ao Brasil. Ano passado, o Brasil foi o principal destino de investimento chinês no exterior. Aqui na China eles estão vivendo uma crise de sobrecapacidade (overcapacity), o que tem levado a indústria a uma competição interna muito acirrada de várias empresas: todo mundo está fazendo a mesma coisa, e aí a competição é tão acirrada, que as margens de lucro despencam. Em painéis solares, por exemplo, eles estão com 30% de capacidade ocupada; o resto é tudo capacidade ociosa e estão tentando buscar mercados no exterior para levar essa capacidade produtiva, que já não encontra mais mercado aqui, nem nos países desenvolvidos.

Pergunta

Quando a senhora atuou em Pequim entre 2012 e 2015, os investimentos chineses estavam fortemente concentrados em energia, infraestrutura e recursos naturais. Atualmente observa-se uma expansão para setores como mobilidade elétrica, semicondutores, tecnologia, consumo e painéis solares. Na sua avaliação, o que explica essa mudança de perfil dos investimentos chineses no Brasil?

Resposta

No perfil do investimento, eu acredito que naquele primeiro momento eles tinham um impulso governamental de buscar oportunidade no exterior.. O capital chinês buscava coisas distintas, então, nos mercados desenvolvidos, ele buscava tecnologias, principalmente nos

EUA e na Europa. Isso,para que pudesse trazer de volta pra China e essa tecnologia auxiliasse os processos produtivos aqui. Em mercados como o Brasil ou na Venezuela, buscava-se recursos minerais. No continente Africano, também buscava-se recursos minerais. O Brasil seria como um local em que a China buscava recursos minerais e um mercado consumidor para seus produtos.

Entendo que naquele momento que eu estava aqui, o foco era em recursos minerais. A China participou de vários leilões de petróleo na época.. As três petroleiras grandes chinesas (CNOOC, CNPC e Sinopec) entraram no Brasil à época com os leilões do Pré-Sal, mas eu diria que, sobretudo, tirando essa parte do petróleo, eles buscavam contratos.

A State Grid entrou naquele momento nos grandes investimentos de infraestrutura, a CPFL naquela época também. Em comparação com o que a gente tem hoje, vemos uma entrada melhor e mais focada em manufatura e em tecnologias específicas, até mesmo em prestação de serviços. A BYD está entrando, já entraram outras empresas automotivas chinesas também recentemente. Elas estão buscando o mercado consumidor e buscando fazer negócio, e acredito que essa é um pouco a mudança do perfil em relação ao que tínhamos no passado. Os investidores chineses estão mais maduros, e eles entendem hoje as dificuldades que é investir fora, a experiência que a gente tinha no passado é a de que eles chegavam aqui pra embaixada e queriam que ela estendesse um tapete vermelho, todas as facilidades que eles estão acostumados a receber aqui internamente por parte do governo chinês.

Por exemplo, um governo local que quer atrair investimentos asfalta a estrada, constrói uma ponte, tudo isso para atrair o investidor. O Brasil não tem capacidade de fazer isso nesse nível. Eles também perceberam que às vezes facilita buscar uma parceria local para entender como é que as coisas são feitas, tal como contratar serviços jurídicos e de consultoria. Eles não faziam isso, o que os fez "quebrarem um pouco a cara". Por isso, é necessário entender como as coisas funcionam e a sua complexidade. Hoje, percebemos que eles já entenderam que é difícil e estão sabendo manejar o "caminho das pedras" e estão se sentindo relativamente confortáveis no Brasil e, apesar de todas as nossas dificuldade para se investir, os chineses estão sabendo lidar. Portanto, teve essa curva de aprendizagem dos investidores chineses - demoraram cerca de uma década, mas que agora já estão mais maduros.

Pergunta

Na sua avaliação, qual tem sido o papel da diplomacia econômica brasileira na facilitação desse fluxo de investimentos recentes, especialmente nos setores ligados à mobilidade elétrica e à transição energética?

Resposta

A China é talvez o posto em que uma embaixada é mais importante.. Por exemplo, eu estava em Londres antes de vir pra cá (Pequim). Em Londres, você entra em contato com empresas ou com uma universidade diretamente a partir do Brasil. A Embaixada às vezes entra como um facilitador para remover alguma barreira. Aqui (China) a gente vê que até esse contato inicial, de escrever o e-mail, não é uma coisa simples, todo o relacionamento acaba sendo muito intensivo em governo. Por exemplo: O setor de saúde, que é um dos setores que eu cuido, está em grande expansão, e temos recebido vários grupos brasileiros que querem conhecer o sistema e todas as inovações do sistema de saúde chinês aplicada a diagnósticos. Às vezes, a embaixada acaba elaborando uma nota verbal para um hospital receber uma delegação. Em outros lugares, isso poderia ser resolvido de forma simples, por telefone ou e-mail, mas aqui, muitas vezes, é necessária a mediação da embaixada. Esses exemplos simples mostram que, mesmo em questões mais básicas, a embaixada desempenha uma função que, por se tratar da China, não teria a mesma relevância em outros contextos. Além disso, uma das áreas que acompanho é a agrícola. Para exportar um produto, é necessário obter um certificado sanitário que autorize sua entrada no mercado de destino. Esse certificado é resultado de um processo de negociação. Na semana passada, por exemplo, tivemos a notícia de que a China finalmente reconheceu o Brasil como área livre de febre aftosa sem vacinação, após vinte anos. Trata-se de uma grande conquista, fruto de um trabalho contínuo de diálogo com as autoridades chinesas. Esse é um exemplo claro de uma das funções exercidas pela embaixada no dia a dia. Recebemos constantemente demandas e contatos dos ministérios, especialmente do Ministério da Agricultura. O Ministro esteve aqui há duas semanas, assim como o ministro das Relações Exteriores, e esse tema vinha sendo reiteradamente tratado. Finalmente, o reconhecimento foi concedido. É muito interessante observar como o papel da embaixada é ativo. Na área de investimentos, também promovemos a aproximação entre pessoas e instituições. Recebemos empresários interessados em investir no Brasil e que buscam

informações sobre oportunidades de negócios. Da mesma forma, atendemos brasileiros que procuram investidores chineses. Nesses casos, realizamos uma espécie de ponte entre as partes, algo que fazemos com frequência. No que diz respeito aos investimentos brasileiro na China, o volume ainda é muito pequeno. Nosso trabalho está muito mais voltado para a atração de investimentos chineses para o Brasil.

Pergunta

A China passou de receptora de tecnologia estrangeira para uma das principais lideranças globais em setores como veículos elétricos, baterias e energias renováveis. Em relação ao setor de baterias, ela domina mais de 90% da produção mundial de materiais catódicos e cerca de 97% dos materiais anódicos para baterias. Na sua avaliação, quais elementos dessa trajetória podem inspirar a estratégia de desenvolvimento brasileira de médio/longo prazo nas cadeias de valor relacionadas à transição energética?

Resposta

A China fez uma aposta em inovação como uma corrida à frente. Ela chegou à conclusão de que, no estágio tecnológico em que estava, não conseguiria o catch up com as tecnologias que já eram dominantes nos países desenvolvidos. Então, fez uma aposta no que acreditava que seriam as próximas tecnologias. Isso foi feito sobretudo em 2015, acompanhado também de um esforço muito grande de política industrial em busca de maior autossuficiência. Em alguns setores, a China foi muito exitosa, mas talvez com um custo econômico um pouco elevado. Isso porque o modelo chinês de política industrial é um modelo de direcionamento. O governo central identifica quais seriam os setores estratégicos e direciona investimentos com fundos públicos. Todos os governos locais seguem esse direcionamento à sua maneira. O governo central não desenha o plano específico, mas olha para o plano quinquenal e diz: a partir deste momento, a China incentivará investimentos em novas tecnologias na área de energia renovável, como carros elétricos e baterias. O que acontece então? Todas as províncias começam a colocar dinheiro para fazer a mesma coisa. Algumas fazem isso bem, outras não tão bem. Em determinado momento, o mercado é inundado por aqueles produtos, o que gera crises de sobrecapacidade. Uma província passa a competir com a outra. A lógica era que elas começassem a sofrer um processo de consolidação. No entanto, os governos locais

acabam tendo incentivo para continuar gerando renda e emprego e, para não perder o dinheiro que foi investido, mantêm atividades que não apresentam desempenho tão bom assim. Isso é um pouco do que o governo agora, no 15º Plano Quinquenal, está tentando reverter. Quando der o direcionamento de política, ele vai direcionar para o que eles chamam de novos hubs. Foram eleitos 3 mega hubs que serão os polos de ponta. Um deles é o conglomerado de Pequim, Tianjin e mais uma outra cidade da região. Outro envolve Xangai, Hangzhou e uma terceira cidade. E há também o de Shenzhen e outra cidade. Essa é a nova formulação de política industrial.

A pergunta era mais no sentido de quais elementos dessa trajetória podem inspirar o Brasil em sua estratégia de desenvolvimento de médio e longo prazo. Eu acho que a ideia de investir em ciência e tecnologia é uma inspiração importante para nós. Não acho que a inspiração de ter todos os estados investindo na mesma tecnologia e competindo entre si seja algo positivo, porque é muito dispendioso. Quando estávamos conversando com uma analista da Gavekal Economics esta semana, especialista em tecnologia, ela comentou justamente sobre isso. Segundo ela, essa busca chinesa por autossuficiência, de fazer tudo internamente e investir nesses setores nesse formato de modelo, é muito dispendiosa e, no fundo, tem um custo muito grande. A economia está sofrendo com isso. Eu não sei se esse modelo chinês deveria servir de inspiração para nós e tendo a concordar com essa visão. A forma como eles fazem as coisas nem eles mesmos parecem estar plenamente convencidos de que é a melhor, tanto que estão mudando o formato. Por outro lado, investir em tecnologia e investir em conhecimento é algo que eles fazem bem melhor do que nós. Investem em patentes e em formação técnica. A BYD tem mais de 100.000 engenheiros, enquanto o Brasil forma cerca de 50.000 engenheiros por ano. Então, eu acho que esse é um caminho que deveríamos seguir.

Pergunta

A guerra comercial entre China e EUA, seguida pela pandemia e pela guerra na Ucrânia, evidenciou a vulnerabilidade das cadeias globais de abastecimento. Na sua avaliação, em que medida esses eventos alteraram a percepção chinesa sobre a importância estratégica do agronegócio brasileiro? A senhora acredita que estamos diante apenas de uma relação de

complementaridade econômica ou de uma parceria estratégica mais ampla vinculada à segurança alimentar chinesa?

Resposta

Eu sempre achei que essa relação deveria ser mais do que uma mera relação comercial. Agora, depois de ter estudado muito o tema, me pergunto em que medida a China de fato vê essa relação como uma parceria estratégica. Acho que a China nos vê como um fornecedor confiável de alimentos, o que já é algo muito importante. Os EUA hoje não são vistos dessa forma. Portanto, se a China decidir apostar mais fichas em alguém, acredito que será no Brasil, e não nos EUA. Ao mesmo tempo, isso não nos garante um lugar cativo no mercado chinês. A China tem uma preocupação muito grande com sua segurança alimentar. No fundo, ela gostaria de não precisar importar de ninguém, nem mesmo do Brasil. O problema é que possui limitações significativas para produzir tudo internamente. A China conta com cerca de 120 milhões de hectares de terras aráveis, e essa área já está totalmente ocupada. Assim, para plantar mais soja, por exemplo, ela precisa deixar de plantar outro produto. Além disso, existem 3 produtos considerados essenciais pelo governo chinês: arroz, trigo e milho. Mesmo no caso do milho, a China hoje produz relativamente menos e importa mais do que no passado. Foi em 2022 que o país abriu ao Brasil o protocolo sanitário que permitiu a exportação de milho para o mercado chinês. Essa decisão ocorreu no contexto da guerra na Ucrânia e da guerra comercial com os EUA. Naquele momento, mais de 90% das importações chinesas de milho vinham justamente desses 2 países. Diante de um cenário em que seus principais fornecedores enfrentavam conflitos, fossem eles reais ou comerciais, a China precisou buscar novas fontes de suprimento e recorreu ao Brasil. Como resultado, em 2022, passamos rapidamente a ocupar uma posição de destaque entre os fornecedores de milho para o mercado chinês. Posteriormente, porém, esse fluxo diminuiu. A China conseguiu reorganizar seus estoques e encontrar outras fontes de abastecimento. Portanto, não se tratou de um crescimento constante nem permanente. Nesse sentido, quando falamos de parceria estratégica, é preciso considerar que a relação envolve uma dependência relativa e circunstancial. Essa dependência também acaba se manifestando em outras áreas, e não apenas na questão alimentar.

Pergunta

A partir de 2022, houve um aumento da pauta da transição energética mesclada com as relações econômicas e de investimentos entre Brasil e China. Houve um aumento na importação de painéis solares e células fotovoltaicas e, no campo dos investimentos, houve um aprofundamento não só em energia elétrica (distribuição), mas também em veículos elétricos, com a ampliação da presença da BYD (não só em ônibus elétricos), que passa também a ter projetos e se instalar na Bahia para a produção de veículos de passeio, além da GWM, que se instala no interior de SP, ambas, inclusive, se instalando em plantas que produziam veículos à combustão. Como está sendo essa vinda das montadoras chinesas para o Brasil? Como esses diálogos estão sendo conduzidos e preparando o cenário para o avanço das tecnologias limpas, chinesas, no Brasil no setor de eletromobilidade?

Resposta

Bom, eu entendo que as montadoras vieram por duas motivações. A primeira foi uma motivação tarifária. Os veículos elétricos, até recentemente, tinham tarifa zero e, depois, chegou-se à conclusão de que era necessário colocar a tarifa de importação no mesmo nível da tarifa dos carros convencionais, e decidiu-se fazer isso de forma gradual. A outra motivação está relacionada a todo esse movimento de sobrecapacidade. A China está, de fato, buscando outros mercados para transferir as tecnologias que possui e grande parte dessa capacidade está ociosa ou em busca efetiva de novas oportunidades fora do país. O embaixador sempre comenta que recebeu, há algum tempo, representantes do setor automotivo brasileiro, especialmente das montadoras que produzem carros convencionais no Brasil. Eles se mostraram muito preocupados com a transição para o carro elétrico, porque o veículo elétrico tem muito menos peças. Trata-se de uma estrutura muito mais verticalizada. A empresa que produz a bateria, que é a principal parte do veículo, monta praticamente tudo junto. Assim, não existe o mesmo efeito multiplicador presente no sistema de carros convencionais, que depende de várias empresas conectadas como fornecedoras de peças para a linha de produção. Essa é uma preocupação importante em relação ao modelo de carro elétrico: é um modelo que gera menos empresas ao seu redor e, de modo geral, menos empregos. Por isso, o esforço que temos visto por parte do governo é tentar, na medida do possível, evitar que haja apenas uma operação de montagem no Brasil, em que tudo venha da China e alguns trabalhadores façam

apenas a montagem final. É claro que o investimento da BYD acontece em um local que anteriormente abrigava uma fábrica da Ford Motors. A Ford esteve durante anos no Brasil, saiu do país, e é bastante emblemático que a BYD tenha ocupado essa fábrica e esteja ampliando sua capacidade. No entanto, é preciso que esse investimento também seja capaz de movimentar a economia local, trazer desenvolvimento e permitir que o Brasil receba investimentos de maneira efetiva, com impactos reais sobre a atividade econômica e a geração de empregos.

Pergunta

Havia a percepção de uma vontade dessas empresas de se instalar em todos os elos da cadeia ou somente nos elos iniciais ou finais (montagem)? Você acha que conseguimos fugir da armadilha do neoextrativismo ou ela permanece?

Resposta

Eu não sei se eles têm muito interesse em fazer isso, para ser muito sincera. Nós precisamos ter uma política que, de alguma maneira, insista nisso de forma inteligente. Se deixarmos isso a cargo deles, não sei se farão de bom grado.

Pergunta

Você considera que Brasil e China têm uma agenda de transição energética comum (não só compartilhada)? Se sim, por que meios implementam essa agenda? Você observa outros potenciais de cooperação em transição energética?

Resposta

Eles têm interesse em vender itens de transição energética para nós, e essa é uma contribuição importante que dão para a transição energética. No ano passado, quando o Brasil estava na presidência da COP, os chineses participaram ativamente dessa agenda. Na Agenda 2030 e na Agenda de Cção, havia espaços específicos de discussão. Existiam a zona azul, a zona verde e também a parte dedicada à agenda de ação, que reúne empresas ligadas à transição energética para apresentar o que estão fazendo. O pavilhão chinês era gigantesco, mostrando as iniciativas que desenvolvem nessa área. Essa é uma contribuição importante da China para essa agenda e também para o Brasil. Compramos painéis solares chineses, estamos

adquirindo equipamentos chineses de forma geral e esperamos que eles continuem investindo no Brasil. Eles estão investindo em data centers, em energia eólica, e estamos comprando peças para esse setor. Quando você fala em agenda de transição energética, acredito que seja nesse sentido. Mas, novamente, se eles conseguirem vender esses produtos para nós sem precisar investir, imagino que essa seja a preferência deles.

Pergunta

A China tem uma agenda muito ativa internamente para se engajar com compromissos internacionais em transição energética assumidos. No que a agenda chinesa se diferencia da estratégia do Brasil? No que o Brasil poderia se alinhar mais com a China e vice-versa?

Resposta

O Brasil, olhando por outra perspectiva, tem uma matriz elétrica limpa. Mais de 90% da nossa energia é composta por fontes renováveis. Na China, por outro lado, o carro elétrico ainda é, em grande medida, movido a carvão, porque o carvão continua sendo a principal fonte da matriz energética. As energias renováveis ainda não superaram a marca de 50%. Isso, porém, dá segurança à China. O país tem expandido fortemente seus investimentos em energias renováveis, mas também tem aumentado os investimentos em usinas a carvão, porque, ao fim e ao cabo, é isso que eles consideram que vai garantir sua segurança energética. É o que consigo pensar sobre essa questão. Não sei exatamente em que sentido você estava pensando nesse tema de energia. Por exemplo, se estiver se referindo à instalação de investimentos compartilhados na produção de energia elétrica ou a algum tipo de cooperação técnica, isso não está muito presente na agenda. Não existe muita cooperação técnica entre Brasil e China. A cooperação técnica é realizada por agências específicas. O Brasil tem a ABC, e eles têm uma agência correspondente chamada CIDCA. Ainda assim, quase não temos projetos com a China nessa área de cooperação técnica propriamente dita. Eles costumam utilizar esse instrumento para outros tipos de países, projetos e interesses. A relação entre Brasil e China é, sobretudo, uma agenda econômica e comercial. Não é uma agenda semelhante àquela que normalmente desenvolvemos com países de menor desenvolvimento relativo.

Pergunta

Quais são as agendas de potencial colaboração efetiva entre Brasil e China (bilateral, plurilateral ou multilateral)?

Resposta

Colaboração efetiva é algo muito amplo. A nossa pauta de interesses com a China é bastante diversificada. A área agrícola é, sem dúvida, o capítulo mais evidente da relação, porque o Brasil é um grande exportador de produtos agrícolas. No entanto, existem várias outras searas em que o relacionamento bilateral é muito forte. A área de saúde, que eu já mencionei, tem se expandido bastante. Educação é outra área em que o interesse tem crescido muito, embora isso ainda não tenha se materializado em um número significativo de estudantes brasileiros aqui. Aliás, a China está recrutando ativamente estudantes para virem para cá em diversas áreas e oferecendo bolsas. Então é importante começar a divulgar mais essas oportunidades também. Além disso, há energia, mineração, que talvez renda muitos frutos. A China comprou recentemente algumas mineradoras estrangeiras que já operavam no Brasil. Essa é uma área um pouco mais contenciosa, não por causa do Brasil, mas em razão de toda a geopolítica que envolve o tema. Ciência e tecnologia também merecem destaque. Nessa área, ainda estamos muito atrás da China e temos muito a absorver das tecnologias desenvolvidas por eles. A atuação financeira também tem crescido bastante. Acho que vamos fazer uma emissão voltada para atrair capital chinês para o Brasil. As possibilidades são praticamente infinitas. Sobre saúde, recomendo a palestra que dei no Summit Brazil-China, promovido pelo Valor Econômico (link: https://valor.globo.com/brasil/summit-valor-brazil-china-2026/summit-valor-brazil-china-2026/_

Pergunta

Como você enxerga as relações econômicas entre Brasil e China no futuro? Quais seriam as perspectivas de aprofundamento dessa relação?

Resposta

É uma boa pergunta, porque, em todas as reuniões com os chineses, de ambos os lados, existe a percepção de que estamos vivendo o momento mais alto da nossa relação até agora. A questão é saber se, depois desse ponto, haverá uma queda ou se continuaremos avançando e

aprofundando essa relação. Na esfera comercial, eu antecipo alguns desafios. Temos observado que o superávit brasileiro vem caindo ano após ano, nesse movimento que mencionei de renovação constante dos produtos da pauta chinesa em um curto espaço de tempo, enquanto o Brasil tem dificuldade para agregar valor às suas exportações e se renovar. O embaixador costuma dizer que "a boca do jacaré está se fechando". A China continua avançando, enquanto nós avançamos em um ritmo menor. Pode chegar um momento em que vamos começamos a enfrentar déficits comerciais com a China.. Vale lembrar que, em 2023, esse superávit foi responsável por um ponto percentual do crescimento econômico do Brasil. Naquele ano, o país cresceu cerca de 3%, e um ponto percentual desses três pontos percentuais veio justamente do superavit com a China. O que acontecerá se esse superávit deixar de existir? Essa é uma possibilidade que precisamos considerar. Se não conseguirmos nos renovar, continuar exportando ou agregar valor aos nossos produtos; se a China encontrar outros fornecedores para aquilo que exportamos ou conseguir substituir a soja como item importante da pauta, a relação poderá deixar de ser tão favorável. Nesse cenário, podem surgir dificuldades políticas semelhantes às que a China enfrenta em outros mercados. O Brasil é um dos poucos países que mantêm superávit comercial com a China. Na maior parte dos casos, é a China que apresenta superávit. No ano passado, esse superávit chinês ultrapassou um trilhão, o que tem gerado tensões políticas e geopolíticas em diversos mercados. Portanto, se não houver uma solução para essas questões comerciais, existe a possibilidade de um enfraquecimento da relação. Por outro lado, em uma perspectiva mais positiva, podemos imaginar que os investimentos que a China está trazendo para o Brasil continuem se expandindo. Se esses investimentos forem bem-sucedidos e fortalecerem a ideia de desenvolvimento conjunto (o chamado win-win, como os chineses gostam de dizer), esse vínculo poderá prevalecer mesmo em um cenário de dificuldades comerciais. Assim, a avaliação sobre o futuro da relação é mista. Tudo dependerá de qual dessas tendências acabará prevalecendo.

4 REFERÊNCIAS

VALOR ECONÔMICO**. Inteligência artificial e saúde**: oportunidades na cooperação entre Brasil e China. YouTube, [s.d.]. Disponível em: https://youtu.be/wsDOfcHdC_g. Acesso em: 08 jun. 2026.